



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARGARIDA LEITE**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-61

**Entrevistado:** Margarida Leite

**Nascimento:** Não Informado

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Rio de Janeiro/RJ

**Entrevistadores:** Juliana Santos Costa

**Data da entrevista:** 19/11/2003

**Transcrição:** Juliana Santos Costa

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** 90 minutos

**Páginas Digitadas:** 17

**Catalogação:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0973/2004/01

**Nº da fita:** Não há

**Observações:** Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

LEITE, Margarida. *Margarida Leite (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

Envolvimento com atividade física desde a infância; ingresso na Faculdade de Educação Física; convívio social; disciplinas propostas pela Faculdade e sua divisão entre homens e mulheres; experiências profissionais após o término da faculdade; trabalho como técnica de nado sincronizado, natação e voleibol; patriotismo nas escolas.

J.C. - A senhora foi aluna e depois professora?

M.L. - Exatamente. Fui aluna da Escola em 43 e 44 e professora a partir do final de 46.

J.C. - Nessa época se formava em dois anos?

M.L. - Foi o último ano que foram dois anos.

J.C. - E depois passou para três anos?

M.L. - Primeiro para três e, agora, são quatro anos.

J.C. - Vamos voltar um pouquinho antes da senhora ter feito esse concurso. Quando criança gostava de atividade física?

M.L. - Adorava atividade física. Dentro da minha bolsa de escola tinha sempre uma bola feita com meias, que eu pegava das minhas quatro irmãs. Ainda não usava meias porque era muito garota, mas minhas irmãs usavam. Então, pegava aquelas meias que serviam tanto para fazer a bola, quanto como uma corda de pular. Aonde ia tinha uma corda e uma bola.

J.C. - Que interessante, então já gostava mesmo de atividades físicas?

M.L. - Demais, demais.

J.C. - E seus pais, como viam a senhora brincando de bola?

M.L. - Deixavam.

J.C. - Não tinha nenhum problema?

M.L. - Não. Eu e meu primo jogávamos vôlei, usando de rede o varal de estender roupa. A minha vida sempre foi ligada à atividade física. Gostava de fazer exercício.

J.C. - E seus pais, tinham alguma formação?

M.L. - Meus pais não. Minha mãe teve uma boa formação porque foi aluna de um colégio que só falava francês. Meu avô paterno tinha muitos recursos e designava o que cada filho deveria ser. Todos os seus filhos, meu pai e seus irmãos se formaram. Um foi engenheiro, outro advogado... Meu pai tinha sido designado para medicina. Chegou ir para a Bahia para estudar, mas não suportou porque sua tendência era advocacia. Ficou advogando por conta própria.

J.C. - Chegou a fazer o curso de Direito?

M.L. - Não.

J.C. - Fez seus estudos em casa?

M.L. - Ele vivia com o Código Civil nas mãos, sabia todas as leis. Quando começou a perder a visão, já tinha o livro todo grifado e pedia: “Lê isso aqui”. Ele nunca teve uma formação tradicional. Minha mãe casou cedo e saiu do colégio.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]<sup>1</sup>

J.C. –Seu pai também designou uma profissão para cada filho?

M.L. - Não. As dificuldades eram grandes. Começamos nossos estudos em colégios bons e depois passamos para o do governo porque a situação era problemática.

J.C. - Mas não eram considerados bons colégios?

M.L. - Eram. Meus irmãos fizeram o 1º e 2º grau. Minha irmã se formou em professora, mas não chegou a lecionar.

J.C. - Por quê?

M.L. - Porque não gostava.

J.C. - Veio morar no Rio também?

M.L. - Aqui do lado onde eu morava.

J.C. - Pelo visto seus pais não impediam que vocês estudassem, que buscassem trabalho.

M.L. - Não, não.

J.C. - Era bom, pois ajudava a família. E qual foi o motivo, o seu interesse em fazer Educação Física?

M.L. - Ocasionalmente vi uma informação no jornal, convocando pessoas interessadas em ir para o Rio fazer o curso de Educação Física. Depois que vi no jornal, comecei a me informar. Comecei a tomar umas aulas particulares de matemática e português para fazer a prova. Meu pai não tomou conhecimento de nada disso. Quando eu passei na prova, minha irmã, que tinha mais prestígio, falou com ele. Minha mãe não queria que eu viesse, porque éramos muito apegadas à família e sempre fomos muito unidos.

J.C. - E deveria ser nova também.

M.L. - Tinha dezoito anos.

J.C. - E sua irmã, foi conversar com seu pai para tentar convencê-lo?

M.L. - Ele autorizou e eu vim.

J.C. - Eles ficaram receosos com a sua vinda?

M.L. - Receosos, com certeza.

---

<sup>1</sup> Nesse momento a professora mostrou um livro de missa de sua mãe de 1906, escrito em francês.

J.C. - Porque a família era unida ou porque o Rio tinha uma fama negativa?

M.L. - Pela fama negativa, principalmente. Aqui no Rio tivemos a ajuda de uma senhora que arranhou uma pensão. Minha mãe se comunicou com ela, escreveu uma carta, e conseguiu essa pensão de moças para eu morar. Depois, os irmãos de minha mãe também vieram morar aqui e, mais tarde, veio à família toda. Conseqüentemente, isso tudo facilitou a situação. Então, comecei a trabalhar na Escola, e gostava muito do trabalho. Me lembro do primeiro dia que coloquei sapato de prego na Escola, na aula de atletismo. Achava que eu ia pisar nos seis pregos da parte da frente e os calcanhares, ao mesmo tempo [risos].

J.C. - Quando começou seu interesse pela Educação Física?

M.L. - Muito antes de eu vir para o Rio.

J.C. - A senhora não é do Rio? Foi bolsista?

M.L. - Fiz concurso do Estado e virei Bolsista de Alagoas. Vim para o Rio em 1943.

J.C. - E o concurso era para quê?

M.L. - O meu concurso foi para entrar na escola. Eles faziam uma prévia lá em Alagoas e, depois, vinha para o Rio fazer o concurso final. Eu peguei a época em que justamente a Educação Física. Passou a ser obrigatória nos colégios de 1º e 2º graus. Até essa época, a Educação Física geralmente era ministrada por militares pouco qualificados para a atividade. No regime militar, eles se preocuparam com isso e fizeram com que as escolas recebessem bolsistas de todos os estados do Brasil. Tínhamos representação do Acre ao Rio de Janeiro. Os únicos estados que não recebiam bolsa era porque tinham Escola de Educação Física: São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Mesmo para curso de pós-graduação e de especialização, vinham poucos bolsistas desses estados. Havia uma preocupação muito grande em dar uma melhor formação para que essas pessoas levassem a atividade física para as escolas no ensino fundamental. Do meu estado, vieram oito bolsistas comigo.

J.C. - Entendi, e a senhora ficou morando aqui no Rio com quem?

M.L. - Na pensão de moças, na rua das Laranjeiras, número 113. E, por incrível que pareça, eram treze moças da escola.

J.C. - Que coincidência!

M.L. - Essa casa existe até hoje, não foi demolida. É uma casa antiga. Era uma república de moças. Tinham umas senhoras também. Eram moças da escola e uma que estudava letras no Instituto de Filosofia, de São Paulo. As outras eram de Educação Física.

J.C. - E quem indicava essa pensão para vocês ficarem, era o próprio Governo?

M.L. - Era. Você fazia prova e era admitida como monitora do Estado de Alagoas. Isso foi em 1943, quando eu vim para cá. Fiz o concurso lá, e com a aprovação era como se fosse um concurso para o Estado. Eles indicavam para exercer aquela função. Eu tenho até hoje o Diário Oficial com a indicação do meu nome.

J.C. - Entendi. Era diferente.

M.L. - Nunca tinha visto aquilo, me adaptei.

J.C. - E como foi a recepção dos colegas? Tratavam bem?

M.L. - Muito bem. Ótima relação. Fiz muitos amigos. Eu considerava a Escola como uma família, uma família botafoguense. Porque comecei logo cedo a praticar esportes, eles me apoiavam muito, me tratavam como se fosse uma deusa. Tinha uma energia fora de sério. Comecei a praticar esportes lá e fiz muitos amigos.

J.C. - E como era a convivência na Escola entre homens e mulheres?

M.L. - Normal.



J.C. - Os homens discriminavam as mulheres por elas estarem ali?

M.L. - Não. Naquela época predominava, tanto entre o alunado, como entre os professores, aquelas que faziam curso no Instituto de Educação e ingressavam na escola de Educação Física. Então, tinha muitas professoras. Eu peguei uma turma que predominantemente era de professoras. Eram sessenta moças.

J.C. - Além da formação de professores, tinha a de normalistas. É essa turma que a senhora está se referindo?

M.L. - Quem já tinha o curso de normalista já podia ingressar no curso superior de Educação Física, que preparava para 2º grau. Tinha também o curso normal na área de Educação Física, como recreação, preparava professores para o ensino de 1º grau.

J.C. - Então, atendia àqueles que tinham a formação e que não tinham?

M.L. - A escola tinha os seguintes cursos: superior, que preparava para o 1º e 2º grau e também o ensino superior; o normal, que preparava pra o ensino de 1º grau; o curso de técnica, que depois foi considerado de pós-graduação; o curso de massagem, como se fosse o de fisioterapia e o de medicina especializada.

J.C. - E o curso normal, era freqüentado por mais mulheres?

M.L. - Só mulheres, se eu não me engano. Acho que só me lembro de um rapaz.

J.C. - E como era o convívio social, tinha muita festa, iam ao cinema?

M.L. - Existia um convívio com os nossos professores, principalmente aqueles que vieram do curso de emergência. Eles tinham uma relação muito saudável com os alunos. Depois das aulas, nós ficávamos brincando. Existia um vínculo muito forte entre professores e alunos. Gostava muito da Escola, pois me identifiquei demais e eu me dava muito bem com os professores.

J.C. - Nesse período, o cinema estava em alta. Vocês freqüentavam também?

M.L. - Íamos ao cinema constantemente. Na minha época, em Maceió, ia aos domingos e, às vezes, de manhã, de tarde e de noite, pois só ia nesse dia.

J.C. - Existia namoro na Escola?

M.L. - Tinha. Namorei muitos anos com um professor de Educação Física que veio de Belo Horizonte fazer curso de técnico.

J.C. - As aulas teóricas eram dadas para homens e mulheres juntos, mas, nas aulas práticas havia separação?

M.L. - Exatamente. Mas isso quando ingressei. Entrei na Universidade para dar aula em 1946 depois do curso de técnica de natação.

J.C. - A professora Maria Lenk que era a titular viajava muito e tinha que ter alguém para substituí-la.

M.L. - Não, quem a substituía era a Iná e a Criska. Eu substituía o professor Osvaldo que era um professor muito exigente. Eu era aluna dele no curso de técnica de natação e muitas vezes ele me mandava dar aula para os alunos dele. E aí comecei a dar aulas para os rapazes e para as moças.

J.C. - Para os rapazes também? Mas deveria ser na década de 50-60.

M.L. - Mais ou menos nessa época. Eu já tinha uma noção de acompanhamento de aula porque o curso de técnica atuava nessa área. Em 45, já atuava no curso de técnica.

J.C. - Na época que a senhora entrou na Escola tinha a luta jiu-jitsu?

M.L. - A luta que existia era esgrima. Era uma disciplina obrigatória.

J.C. - Para homens e para mulheres?

M.L. - Para as mulheres. Os homens faziam outras coisas, como judô e boxe. É como o pólo aquático, que não tinha para as mulheres, faziam natação sincronizada. Era assim: na 1ª série era a aprendizagem dos estilos. Na 2ª série, trabalho de resistência e a parte de salvamento. Depois, no terceiro ano, os homens iam para o pólo e as mulheres para o nado.

J.C. - Só diferenciava no 3º ano?

M.L. - Exatamente. E a luta que tinha para as mulheres era a esgrima.

J.C. - Futebol era também só para os homens?

M.L. - Era praticado só pelos homens.

J.C. - A senhora lembra de outras disciplinas que fossem só para as mulheres ou só para homens?

M.L. - Dança era só para as mulheres. Depois que começou entrar homem e, hoje, é para ambos os sexos. O remo quando tinha era só masculino. Cheguei a remar pelo Botafogo. Fui campeã por dois anos seguidos nos Jogos da Primavera.

J.C. - Mas o remo não era só para os homens?

M.L. - Mas o clube me chamou e eu competi.

J.C. - O clube oferecia, mas a escola não oferecia?

M.L. – Exatamente. Nos Jogos da Primavera, o Botafogo fez uma equipe, o Fluminense outra e o Vasco mais uma. No ano que a escola participava, eu competia pela escola. Cheguei a competir contra o Botafogo, colocando em jogo meu título de sócia emérita. Mas na reunião da diretoria ninguém deixou eu perder o título. Porque eles sabiam que para mim, a escola estava acima de tudo.

J.C. - E em relação ao número de pessoas que ingressavam na turma, era dividido em homens e mulheres igualmente?

M – Não, predominavam as mulheres.

J.C. - E por que, se a atividade física estava muito associada aos homens. No início bastava ter o 1º grau, não era assim?

M.L. - No início só era exigido o 1º grau, nos anos de 39, 40, 41 e 42. Eu ingressei em 43 e também ainda só precisava disso. Fiz a complementação porque quis, já aqui no Rio, estudando na escola, mas não era necessário.

J.C. - Mesmo precisando só do 1º grau, o aluno saía com diploma de 3º grau?

M.L. - A Educação Física era como música, que também não exigia o 2º grau. Depois foi se modificando e passou a existir a necessidade de uma formação básica maior. Na minha época de jovem existia uma preocupação muito grande de casar, constituir sua família e a mulher era mais destinada às prendas do lar. Não tinha muito tempo para estudar. Mas isso está se modificando muito rápido. Eu gostei demais mesmo de ter seguido este caminho.

J.C. - A senhora pratica alguma atividade atualmente?

M.L. - Atualmente não, mas sempre estive ligada à atividade física. Atualmente, estou preocupada em ajeitar minhas coleções.

J.C. - A senhora tem outras ocupações?

M.L. – Eu coleciono tudo e fiz até um livro de coleção. E agora pretendo publicar. [Nesse momento, a professora foi buscar o livro e, em seguida, mostrou e explicou todo o livro, “Reviver um século de figurinhas”].

J.C. - A senhora veio, estudou e não voltou mais?

M.L. - Eu não voltei, mas os outros voltaram. Cheguei até a ir lá, mas fui chamada para entrar como professora aqui da Escola. Vim e tive autorização do Governador de Alagoas. Tinha feito um compromisso formal de voltar após terminar a faculdade. Ele achou que era uma situação muito interessante para o Estado ter uma alagoana professora aqui da Educação Física.

J.C. - Isso foi em 1945. Quando a senhora terminou o curso?

M.L. - Fiz o curso em 43 e 44. Em seguida, fiz curso de especialização em dança. Em 46, fiz também a formação em técnica de natação e voleibol e, no final de 46, fui indicada professora.

J.C. - E nesse período a senhora trabalhava?

M.L. - Não trabalhava. Comecei a dar aula naturalmente, substituindo professores. Substituía professoras que por algum acaso não poderiam dar aulas naquele dia ou horário.

J.C. - Professores da Escola?

M.L. - Da Escola, substituía determinadas professoras.

M.L. - Com esse curso que fiz, as pessoas reconheciam que eu tinha capacidade.

J.C. - Não havia remuneração nas aulas que a senhora dava?

M.L. - Não, fazia biscate e recebia remuneração apenas quando substituía professores nas escolas particulares.

M.L. - E senhora não procurou uma escola para trabalhar?

J.C. - Não precisei procurar, porque como substituta, os colégios me chamavam sempre. No Notre Dame de Sion, em Laranjeiras, trabalhei durante trinta e um anos. Era um colégio muito bom na época. Era só feminino, depois passou a ser misto.

J.C. - Então as professoras costumavam dar aulas para as meninas e os professores para os meninos?

M.L. - Não. Era misto, exceto o futebol. Até o voleibol era dado junto.

J.C. - E por que será que era separado?

M.L. - O futebol as meninas não faziam, pois elas não se interessavam?

J.C. - Elas não se interessavam ou os professores achavam que as meninas não deveriam praticar?

M.L. - Não. Porque lá no colégio tinha um monte de quadras de voleibol, de todos os tamanhos. Todas as classes, de acordo com a idade da turma, utilizavam desde a quadra pequena até chegar nas oficiais, que eram três.

J.C. - Nossa era muito grande. Devia ser bom trabalhar num lugar assim.

M – Era. Trabalhei lá muitos anos.

J.C. - Ainda em Alagoas?

M.L. - Eu terminei o curso de técnica quando voltei para Alagoas. Foi nesse meio tempo que comecei a trabalhar na escola. Dona Maria Lenk me indicou e a professora Helenita também estava pensando em me convidar para assumir a parte de dança.

J.C. - E a senhora foi para qual cadeira?

M.L. - Fui para a natação. Não porque não gostava de dança, porque adorava folclore. Se tivesse recursos, seria uma folclorista, porque a minha tendência era enorme para o folclore. E a parte de dança moderna também exigia muito treinamento e eu precisava trabalhar para ganhar a minha vida.

J.C. - A senhora tem filhos?

M.L. – Não. Me casei hoje sou viúva, mas não tenho filhos. Tenho sobrinhos e sobrinhos-netos. Fui casada durante dezoito anos.

J.C. - E seu marido aceitava suas atividades?

M.L. - Ele adorava esporte e me acompanhava em todas as atividades. Quando eu dirigi a parte de esportes da UFRJ, ele ia comigo a todos os jogos. Ele gostava de assistir aos jogos, fosse futebol ou outro esporte. Ele me levava em todos os lugares.

J.C. - Não teve problema com seu marido?

M.L. - Absolutamente. Ele se envolvia. Era flamenguista e eu, botafoguense, mas na hora do voleibol ele torcia pelo Botafogo também.

J.C. - Aí a senhora ficou na UFRJ até se aposentar?

M.L. - Fiquei muitos anos no serviço público. Somados os anos todos da Escola, porque, na verdade, eu vim cedida do Estado. O professor ganhava uma quantia mínima trezentos cruzeiros - não me lembro nem a moeda, mas acho que era cruzeiro. Esse serviço me serviu muito para contagem de tempo para minha aposentadoria.

J.C. - Era o seu salário por estar trabalhando na Escola?

M.L. - Não. Isso eu recebi enquanto fiz o curso técnico, porque fui indicada. Depois do curso superior consegui indicação do meu Estado para fazer especialização em dança, que era de dois anos. Então, tive além do curso de técnica, mais dois anos de bolsa do Estado. Conseqüentemente, recebia meu salário nesse período todo. Quando eu ingressei na escola, meu pai que recebia o dinheiro por mim em Maceió. Depois tive que restituir três meses. Restituí para não haver concomitância.

J.C. - Então, seu pai repassava o dinheiro para você aqui no Rio, porque você tinha que se sustentar?

M.L. - A maior parte ficava para ele. Eu ajudava muito minha família. Tinha uma bolsa aqui do Ministério, somada aos trezentos que eu recebia, eram suficientes para pagar minha pensão.

J.C. - Então, tinha bolsa do governo de lá e uma outra daqui?

M.L. - O de lá não era considerado bolsa, era o salário que eu já tinha. Quando precisava de alguma coisa, meu pai usava esse dinheiro e me mandava. Roupa não comprava, nem sapato. Quando cheguei em Maceió o pessoal ficou alarmado porque eu estava pior que quando saí.

J.C. - Não era vaidosa?

M.L. - Não era questão de vaidade, não tinha dinheiro mesmo. Era vaidosa, mas não tinha dinheiro e essas coisas nunca me fizeram falta. Queria dinheiro para comer e isso nunca me faltou. Me preocupei com a comida, com a alimentação. Mas eu gostava queria estar é na Educação Física.

J.C. - Foi realização mesmo?

M.L. - Foi. Se eu nascesse hoje seria professora de Educação Física e de natação. A transformação da fisionomia da pessoa preocupada com medo e depois sorrindo, é muito gratificante. Trabalhei com todas as faixas etárias, desde crianças a idosos, em colônia de férias. Implantei aulas de natação na Praia Vermelha e até hoje funciona.

J.C. - Alguma coisa marcou a senhora positivamente ou negativamente na Escola?

M.L. - Muitas coisas positivamente. Naturalmente o lado positivo predomina, mas que houve o lado negativo, houve. Por último, teve um processo contra mim na Universidade. O reitor Vilhena me indiciou depois de aposentada, aos setenta e dois anos de idade. Tive



que ir a Polícia Federal responder um processo de depredação de patrimônio público, formação de quadrilha e outras coisas mais. Eu já estava aposentada e soube que iam transformar a área da Educação Física da Praia Vermelha em estacionamento e, então, eu comecei a me movimentar e o Conselho Universitário me apoiou em tudo.

J.C. - Deve ter sido muito ruim para a senhora, que sempre lutou trabalhou ali para a Escola crescer, depois de tudo, escutar isso.

M.L. - No dia que tinha que depor na Polícia Federal, veja que coincidência. O Reitor tirou muito tempo de minha vida, sofri muito. Tive apoio dos alunos, dos professores e dos funcionários, mas a escola acordou tarde. Tive mais apoio da Universidade do que da Escola. Tenho minhas queixas, mas lutei porque acreditava na Educação Física. Depois de um certo tempo, querem que o idoso vá embora, pois ele só atrapalha. Teve muita gente querendo que eu saísse dali e eu querendo ficar. O idoso luta contra uma série de humilhações muito grandes, mas resisti e fui até o fim. No dia que ia para a Polícia Federal me telefona alguém do Ministério e diz o seguinte: “A senhora tem que comparecer aqui no dia tal para receber a medalha de cinquenta anos de serviço público da mão do Ministro e do vice-presidente da República”. Achei que estavam brincando e disse que não podia ir porque tinha que responder a um processo. Estavam sendo comemorados os setenta e cinco anos de Ministério da Educação e eles não só homenagearam os professores que tinham cinquenta anos de profissão, como também convocaram todos os ministros da Educação que estavam vivos. Mandaram passagem para mim e transferiram a audiência. E o Vilhena estava lá no dia que recebi a medalha. Saiu no jornal: “Vilhena aplaude publicamente a professora premiada”. Por unanimidade foi mandado um documento de solidariedade a mim pelo Conselho Universitário junto a esse processo.

J.C. - E a senhora tem idéia de como contribuiu com a Educação Física?

M.L. - Acho que contribuí com alguma coisa, mas tem gente que contribuiu muito mais para o crescimento e reconhecimento da Educação Física. Não me considero uma pessoa assim tão importante.

J.C. - É sim, com certeza.

M.L. - Estou dentro da minha mediocridade muito satisfeita da vida.

J.C. - E a senhora também foi técnica do Botafogo?

M.L. - Fui técnica e fui emérita e sou benemérita do Botafogo. Nas horas que faltavam técnicos eu substituí.

J.C. - E foi em qual modalidade?

M.L. - No vôlei e na natação sincronizada. No Fluminense cheguei a ser remunerada por isso. Um dos pontos de referências interessantes na minha vida foi ter conseguido estabelecer a disciplina do nado sincronizado na escola. E ela hoje faz parte e as minhas alunas se destacam por aí, cada vez mais. A Sônia, por exemplo, representa a Federação. Realmente, fui muito ligada à natação sincronizada. Gostava demais, e por isso, procurei me desenvolver. Como o apoio da escola que teve uma participação firme na divulgação dessa atividade, desse desporto.

J.C. - Foi a senhora que incentivou o nado para que se tornasse uma disciplina?

M.L. – Incentivei. Preparei a equipe da Escola para participar dos Jogos da Primavera. Representou o início de competição de balé aquático e que depois passou a ser natação. Com a participação e a prática se difundindo em muitos países, o esporte passou até a ser olímpico. Tenho uma boa participação nesse campo.

J.C. - Como era o mercado de trabalho?

M.L. - O esporte e a atividade física aos poucos foi assumindo cada um a sua posição. Surgiram as academias e as pessoas se preocupam mais com o corpo. Conseqüentemente, a procura pela carreira de educação física aumentou. A profissão, na minha época, começava a se definir. Hoje está estabelecida. Mas, o mercado de trabalho inicial era pequeno. O Estado era o primeiro mercado de trabalho para professor de Educação Física em todos os lugares do país. Tanto que tinha bolsista que lecionavam no próprio Estado natal.

J.C. - A senhora chegou a trabalhar lá no seu Estado?

M.L. - Só dois meses.

J.C. - Por que tão pouco tempo?

M.L. - Porque voltei para cá.

J.C. - E aqui a senhora não fez concurso, foi direto para a Universidade?

M.L. - Não precisei fazer concurso porque na época era indicação, passava pela aprovação do colegiado. E, tem mais, pela aluna que tinha sido, fui até premiada. A Escola tinha professores para homens e para mulheres, de todas as modalidades. Tinha a equipe que trabalhava com natação masculina e outra com a feminina. Tinha a equipe de atletismo masculina e feminina. Na natação, por exemplo, existia um professor titular masculino e um feminino, que era a professora Maria Lenk. A situação foi crescendo, se igualou, e hoje em dia há um equilíbrio. Abrem-se vagas mais ou menos iguais para homens e mulheres. Os obstáculos foram diminuindo para que se pudesse haver mais equilíbrio.

J.C. - E qual outro motivo a senhora aponta como determinante para ter mais mulheres na escola?

M.L. - A questão era que os professores não precisavam do 2º grau.

J.C. - Mesmo para fazer o curso superior?

M.L. - Exatamente, a maioria ingressou no curso superior. E quem fazia o curso de educação infantil era o curso normal de Educação Física infantil. Já passava direto para fazer o curso normal superior. Porque abria um espaço no mercado de trabalho bem maior e muito mais vantajoso financeiramente.

J.C. - Então, o curso normal era para aquelas que ainda estavam fazendo, se formando em magistério?

M.L. – Não. Para aquelas que já tinham se formado, era possível optar em fazer o infantil. Às vezes, já estavam fazendo, porque as normalistas saíam empregadas, atuando na área da E.F., na parte de recreação de 1º grau. Então, elas já faziam o curso de Educação Física voltado para a parte de recreação, pois lhe dava oportunidade curricular do curso de 1º grau. Então, elas faziam o curso superior e, conseqüentemente, passavam do curso superior dando qualquer disciplina, porque elas tinham formação para isso, e passavam então para área de Educação Física. Os concursos foram se abrindo. Os parques de recreação foram fundados. Há muito tempo atrás, no Rio, tinham os recreacionistas. E o curso superior não era necessário. O ingresso ao superior com concurso, era o vestibular, que para fazer tinha que ter o 2º grau completo e quem tinha o normal, podia fazer, pois ele era considerado 2º grau.

J.C. - Falta patriotismo nas pessoas?

M.L. - Sou brasileira demais. Na época que estudava, todos os cadernos da gente tinham o Hino Nacional de um lado e o Hino da Bandeira atrás. O Hino da Independência também. Eu sei todos os hinos do Brasil até hoje, porque eu vivi essa parte. Não era governo militar ainda não, mas existia patriotismo. Assim que meu sobrinho começou a falar, tinha que aprender a cantar o hino. Eles vem aqui e, hoje mesmo, botei dois deles para aprender.

J.C. - Falta isso nas escolas?

M.L. - O pessoal tem raiva, mas o Exército, Marinha e Aeronáutica é a guarda do país. Têm que ser prestigiados também. Não é regime militar, mas é como uma profissão qualquer que tem uma responsabilidade muito grande. Tem que prestigiar, não sou nenhuma ditadura. Hoje sou o que sou graças à Escola, ao meu trabalho e à minha formação. Nunca fiz nada contra ninguém. Se não podia ajudar, também não prejudicava. Gostava muito de ajudar, sem ser boazinha, mas sim justa. A justiça e a verdade, uma juntinha da outra, pois não existe justiça, sem verdade e eu estou sempre junta da verdade. Não gosto de mentira.

[FINAL DO DEPOIMENTO]